

Dauster nega pagamento simbólico aos bancos

por Marta Salomon
de Brasília

O negociador da dívida externa, embaixador Jório Dauster, negou ontem que o governo pretenda fazer um pagamento simbólico aos bancos credores. "Não existe qualquer condicionamento de primeiro pagar para depois negociar", disse o embaixador ao confirmar a retomada das negociações com o comitê de bancos no mês que vem — determinação incluída na carta de intenções ao FMI.

Em depoimento à comissão de assuntos econômicos do Senado, Jório Dauster explicou, no entanto, que o governo estuda a retomada dos pagamentos suspensos desde junho do ano passado. "Os atrasados não são objeto de um desejo do governo, mas uma imposição numérica", afirmou. Segundo o embaixador, depende de uma decisão política da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, quanto, como e quando voltar a pagar. "Se houver pagamento, não será simbólico", insistiu.

Segundo Dauster, os compromissos com os credores neste ano somam cerca de US\$ 14 bilhões, incluindo o FMI, o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e os débitos com o Clube de Paris e os credores privados (US\$ 8 bilhões). Esses débitos, segundo Dauster, estão sendo estudados de acordo com a capacidade de pagamento do governo. A meta dos negociadores — afirmou o embaixador — é a manutenção de reservas interna-

cionais que "garantam tranquilidade".

COMPROMISSO

A carta de intenções ao FMI — que deverá ser assinada hoje ou amanhã — não trará nenhum compromisso de retomada dos pagamentos aos bancos credores como condição para negociar, garantiu Jório Dauster aos senadores. Ele confirmou que o atraso nos pagamentos foi examinado pelo Fundo Monetário, mas o único compromisso brasileiro foi no sentido de acelerar as negociações com os credores. "É um erro imaginar que a acumulação de atrasados é uma solução para a dívida", disse.

Outro detalhe da carta de intenções confirmado aos senadores é que as metas para a economia brasileira poderão ser revistas no caso de agravamento da crise no golfo Pérsico. Segundo Dauster, o aumento do preço do petróleo poderá levar o Brasil a buscar "recursos adicionais" junto ao FMI.

NEGOCIAÇÃO

DURA

Jório Dauster previu aos senadores uma negociação "dura" com os credores. "Não podemos comprometer a saúde financeira do País nem a recuperação dos investimentos. O que vamos pagar aos credores é o que sobrar, nem mais nem menos", afirmou o negociador. Dauster negou a intenção de confronto com os credores. Ele busca o que chamou de "retaguarda política interna", que está sendo acertada com os senadores através de parâmetros para a negociação da dívida a serem votados pelo Senado.